



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES

CAROLYNNE NILZA DA SILVA BELEZA BALTAZAR

**APRENDIZAGEM DA ARTE POR MEIO DA MODELAGEM EM ARGILA:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO METODOLÓGICO DA PRÁTICA NO
ÂMBITO ESCOLAR**

MANAUS/AM
2024

CAROLYNNE NILZA DA SILVA BELEZA BALTAZAR

**APRENDIZAGEM DA ARTE POR MEIO DA MODELAGEM EM ARGILA:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO METODOLÓGICO DA PRÁTICA NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Dissertação apresentado à Banca Examinadora para defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES.

Linha 02 - Proposta pedagógica.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Ramos

Manaus/AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B197a Baltazar, Carolynne Nilza da Silva Beleza
Aprendizagem da arte por meio da modelagem em argila : uma
análise do processo metodológico da prática no ambiente escolar /
Carolynne Nilza da Silva Beleza Baltazar . 2024
51 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Evandro de Moraes Ramos
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Argila. 2. Arte educação. 3. Cerâmica. 4. Modelagem. I.
Ramos, Evandro de Moraes. II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

**APRENDIZAGEM DA ARTE POR MEIO DA MODELAGEM EM ARGILA:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO METODOLÓGICO DA PRÁTICA NO
ÂMBITO ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Banca para defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, da Universidade Federal do Amazonas, da Faculdade de Artes, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Linha 02: Proposta pedagógica

Aprovado em: 29/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Evandro de Moraes Ramos** (Presidente)

Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva (Membro)

Profa. Dra. **Eneila Almeida dos Santos** (Membro)

Prof. Dr. (Suplente)

Prof. Dr. (Suplente)

MANAUS/AM

2024

RESUMO

Esta pesquisa refere-se à análise pedagógica de uma oficina de prática de modelagem em argila, realizada na Escola Estadual Machado de Assis, com alunos do 3º ano do ensino fundamental I. Sua intenção concentra-se em discutir o processo de modelagem realizado pelos alunos, por meio de observação metodológica da experiência. Dessa maneira, tem-se como objetivo geral evidenciar os conhecimentos teóricos relacionados ao ensino da arte em cerâmica, enfatizando a prática da modelagem no ambiente escolar e portando como metodologia a pesquisa ação. A natureza desta pesquisa foi qualitativa, contendo como método experimental e prático o desenvolvimento de uma oficina de prática de modelagem em argila. Para alcançar tal proposta, aplica-se aportes teóricos interdisciplinares como ensino de artes, história, cultura e educação patrimonial. Utiliza-se ainda o relato de experiência a fim de abranger questões como a necessidade de um lugar e materiais adequados nas escolas para a prática e a relevância da abordagem triangular atrelada ao ensino das artes, traz-se como fonte de registro o caderno de processo. Por meio desta oficina, buscou-se oportunizar a iniciação, a prática da modelagem e produção aos estudantes dos anos iniciais.

Palavras-chave: Argila; Arte Educação; Cerâmica; Modelagem.

ABSTRACT

This research refers to the pedagogical analysis of a clay modeling practice workshop, held at Escola Estadual Machado de Assis, with students from the 3rd year of elementary school I. Its intention is to discuss the modeling process carried out by the students, through methodological observation of experience. In this way, the general objective is to highlight theoretical knowledge related to the teaching of ceramic art, emphasizing the practice of modeling in the school environment and using action research as a methodology. The nature of this research was qualitative, containing as an experimental and practical method the development of a clay modeling practice workshop. To achieve this proposal, interdisciplinary theoretical contributions are applied, such as teaching arts, history, culture and heritage education. The experience report is also used in order to cover issues such as the need for an adequate place and materials in schools for practice and the relevance of the triangular approach linked to the teaching of the arts, using the process notebook as a source of record. Through this workshop, we sought to provide opportunities for initiation, the practice of modeling and production for students in the initial years.

Keywords: Clay; Art Education; Ceramics; Modeling.

INTRODUÇÃO

Concluí a licenciatura em Artes Visuais em abril de 2019. Em outubro, do mesmo ano, fui convocada pela Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (SEDUC) para ocupar a vaga de docente. Em janeiro de 2020, fui lotada na Escola Estadual Machado de Assis, onde trabalho com crianças do ensino fundamental I, ou seja, do primeiro ano do primeiro ciclo ao quinto ano do segundo ciclo, no turno matutino. A escola possui uma boa estrutura contendo uma sala de artes ampla, além de funcionar no horário integral. Recordo de não me sentir devidamente preparada para assumir as turmas, em parte pela distância existente entre a grade curricular programada para as séries iniciais e ainda devido aos conteúdos repassados durante a minha graduação em artes.

Em 2021, tive a oportunidade de, também, trabalhar nas Escolas Estaduais Dorval Porto e Nelson Ferreira, onde ministrei aulas para o ensino fundamental II e ensino médio no turno vespertino. Este ensejo foi muito enriquecedor, uma vez que pude compartilhar conteúdos de arte com jovens de áreas periféricas. A experiência me oportunizou um desenvolvimento maior enquanto profissional e pessoa, as turmas possuíam mais alunos do que eu estava acostumada e a faixa etária deles era diferente entre si, também. Tudo era novo e conseqüentemente desafiador, mas foi muito gratificante.

Senti certo bloqueio, no entanto, por parte dos alunos maiores para iniciar as atividades práticas. Notei que muitos, por não estarem acostumados com este tipo de tarefa, tinham dificuldades em realizá-las. O interesse em desenvolver essa parte da disciplina ocorreu paulatinamente. Utilizei a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa – que consiste em leitura, contextualização e o fazer artístico; ressaltando a importância do aluno compreender a partir desses três processos a imagem – intercalando aulas teóricas com as práticas. Como professora, esta decisão gerou conseqüências positivas, pois me fez despertar e buscar novas metodologias que viabilizassem o interesse e a participação dos estudantes com uma faixa etária mais alta.

Em 2022, fui convocada pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) para ingressar no corpo docente. Atualmente, estou lotada na Escola Municipal Francisca Pergentina no bairro Zumbi, esta passou por uma recente reforma e possui uma boa estrutura. Ministro aulas para oitavo e nono ano do

ensino fundamental II, lecionando para um total de quinze turmas. Em 2023, tive a oportunidade de dobrar minha carga e ministrei aulas no turno noturno na mesma instituição de ensino para turmas de formação de jovens e adultos – EJA.

Considerando que o ensino das artes se divide em conceito ou contexto e experimentação, nos quais cada aluno deve ter a oportunidade de colocar em ação o que aprendeu, isto é, um momento em que os alunos possam ter a liberdade e o discernimento de relacionar a teoria com a prática. Neste cenário, utilizar a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa nas minhas aulas se tornou de fundamental importância, haja vista que dinamizou e enriqueceu a minha prática docente.

Tenho aprendido muito com o trabalho que desenvolvo e acredito que estou no início da minha jornada, tanto profissional quanto acadêmica, e almejo obter melhorias significativas em prol dos estudantes da escola pública.

Na licenciatura em Artes Visuais, o foco principal é preparar os universitários para futuramente ministrar aulas no ensino fundamental II e ensino médio, a grade curricular é voltada para isto. O mercado de trabalho, porém, nem sempre se enquadra somente a esse público, a exemplo disso tenho a experiência de ser lotada em uma escola estadual integral há cinco anos ministrando aulas de artes para ensino fundamental I.

De início foi uma surpresa pois acreditava que a grade curricular da secretaria de educação do estado não permitia, então entendi que por se referir a uma escola integral o funcionamento é diferente, um dos exemplos é o fato de que cada tempo de aula ter a duração de 1 hora em contraponto as outras escolas são de 45 minutos cada aula, e na escola integral temos a adição da disciplina de metodologia, que em seu currículo ensina de uma forma mais interdisciplinar os conteúdos.

É interessante notar a diferença entre o aprendizado das crianças e dos adolescentes. As crianças são mais receptivas as atividades, se empolgam e não questionam muito, embora o tempo em que se concentram em uma explicação seja curto e nem todas terem agilidade de copiar o conteúdo escrito na lousa. Enquanto isso, os adolescentes não recebem todas as atividades da mesma forma. Gostam de ser desafiados a fazer práticas diferentes, mas não muito difíceis, questionam o conteúdo, copiam da lousa e conseguem assimilar

mais tempo de explicação do conteúdo. Tenho o privilégio de mesmo no início da minha carreira já ter tido a oportunidade e experiência de ministrar aulas para várias faixas etárias.

Ministrar aulas para crianças é um eterno aprendizado, ao mesmo tempo em que se ensina algo, se aprende. Elas possuem uma percepção própria de mundo, a maioria gosta muito de falar e percebo a importância de dar liberdade para que se expressem. A maioria ama as aulas de artes e sinto que é um momento especial da semana delas, infelizmente na grade curricular o tempo de arte é reduzido a duas aulas durante a semana.

A presente pesquisa contém à análise das ações pedagógicas apreciadas e aplicadas durante uma oficina de modelagem em argila na Escola Estadual Machado de Assis, localizada em Manaus, Amazonas. Trata-se de um relato de experiência, em que tomamos por base os dados coletados durante a atividade para refletir os possíveis caminhos pedagógicos atrelados ao ensino das artes na educação básica.

Localizada na rua Amâncio de Miranda, no bairro Educandos, a Escola Estadual Machado de Assis é uma instituição educacional de tempo integral e atende alunos do 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental I. Por conter quinze turmas em funcionamento pleno, a escola possui sala de recursos, laboratório de ciências, biblioteca, sala de jogos, refeitório e sala de artes.

Ao aproximar as experiências obtidas na oficina à necessidade de refletir os caminhos adotados pelo profissional do ensino das artes, observou-se no ensino de cerâmica um desafio metodológico que nos conduz à inúmeras resoluções práticas por sua riqueza de conteúdo, objetivos e avaliação. Neste sentido, a pesquisa viabilizou subsídios teóricos e práticos que nos permitiram ampliar os horizontes da prática pedagógica de forma multidisciplinar, abrangendo o campo do ensino de arte e educação patrimonial.

No sistema educacional brasileiro, um dos maiores desafios é dinamizar e inovar a prática educativa docente. Dessa forma, buscar ferramentas metodológicas que façam uma relação, de fato, entre teoria e prática tornou-se um grande desafio aos professores de sala de aula. A partir dessa premissa, a oficina voltada ao ensino da arte em argila nos mostrou a realidade da Escola Estadual Machado de Assis no que diz respeito à prática docente e aos espaços

destinados ao processo de modelagem.

A presente pesquisa foi implantada na Escola Estadual Machado de Assis por meio de uma oficina com a finalidade de realizar uma verificação de todo o aparato que esta instituição de ensino disponibiliza para a concretização da referida aprendizagem. Além disso, por meio dos pontos observados no desenvolvimento da experiência com os estudantes, podemos proporcionar melhorias no processo de ensino e instrução da disciplina de Artes.

Em suma, a aprendizagem das artes ainda é muito limitada e desvalorizada nas escolas públicas, a maioria ainda se restringe a teorias, tendo como maior ferramenta o uso do livro didático. O ensino da cerâmica e a prática da modelagem, neste contexto, viabilizam a expansão do conhecimento da disciplina, isto é, é responsável por conduzir o aluno ao desenvolvimento de uma visão artística, cultural, filosófica, sociológica e antropológica; transformado assim o seu pensamento enquanto indivíduo.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivo Geral

Viabilizar uma aprendizagem diferenciada no ambiente escolar público por meio da prática da modelagem em argila, evidenciando os conhecimentos teóricos, práticos e interdisciplinares do ensino da arte.

1.2 Objetivos específicos

- Oportunizar a prática da modelagem em argila no âmbito escolar público.
- Proporcionar aos estudantes um ensino inovador, dinâmico e atrativo.
- Verificar a condição do espaço da escola pública para a prática da modelagem.

2. JUSTIFICATIVA

A razão desta pesquisa se deu pela percepção do marasmo que permeia a aprendizagem de artes proporcionada aos estudantes de escolas públicas; atualmente concentrado em um ensino fora da realidade dos alunos, sem

dinamismo, inovação ou empirismo. Portanto, a finalidade desta é adquirir subsídios teóricos e práticos em favor dos discentes e introduzir uma metodologia diferenciada na educação por meio da modelagem em argila.

O estudo das teorias e abordagens empíricas da modelagem em argila enriquecem as atividades escolares por meio do aumento do conhecimento de técnicas específicas a serem trabalhados, do fascínio dos envolvidos na produção de peças e da capacidade de produzir objetos de arte a partir da transformação proporcionada pela modelagem.

A utilização de recursos voltados para a aprendizagem da modelagem em espaços de ensino pode ainda proporcionar outras compreensões, relacionadas à técnica, para serem desenvolvidos nas aulas de artes. Além disso, tanto a argila, matéria-prima escolhida, quanto à produção de cerâmica trazem consigo características históricas socioculturais, extremamente importantes, para a retenção da memória dos povos de uma determinada civilização (Assis, 2021).

A partir dessa premissa, a oficina voltada à aprendizagem da arte por meio da modelagem em argila nos mostrou a realidade da Escola Estadual Machado de Assis no que diz respeito à prática docente e os espaços destinados ao processo de ensino e aprendizagem à prática da modelagem.

A oficina proporcionou aos discentes também um conhecimento inovador e autônomo, oportunizando a experiência e resultados únicos e individuais mesmo em uma aula coletiva. Suscita, dessa forma, questionamentos e resoluções próprias para dificuldades apresentadas durante o processo de modelagem.

Em resumo, observamos na oficina de modelagem em argila um meio de oportunizar uma aprendizagem da arte mais completa, viabilizando aos alunos liberdade artística enquanto os torna conhecedores da técnica.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1.1 Teorias e Práticas em Cerâmica

O patrimônio é algo primordial para a cultura e historiografia de uma sociedade, por intermédio dele é possível contextualizar fatos e relacionar

passado e presente, observando distinções socioculturais. Seu conhecimento, no que se refere aos seus aspectos material e imaterial, pode dar-se por meio do ensino de arte, considerando que a mesma consiste em uma representação da cultura. Referenciamo-lo na prática do ensino de cerâmica, no qual o artefato faz parte dos bens culturais dos povos da Amazônia e, de igual maneira, suas formas de produção constituem parte do patrimônio imaterial.

Ao abordar patrimônio nos referimos ao complexo de elementos naturais e intelectuais reconhecidos por sua importância cultural. Podemos diferir os patrimônios intelectuais em material e imaterial, os quais representam a história e o contexto de um grupo social. Sua categorização material qualifica-se por sua concretude, por ser concreto; é formado por bens, móveis, objetos e obras, os quais auxiliam o estudo histórico e arqueológico permitindo compreender melhor o contexto da sociedade em análise.

Quanto ao imaterial, constitui-se do abstrato como crenças, memória oral, mitos, técnicas, tradições e costumes. Exemplifica-se por músicas, danças, rituais, lendas, culinária e até mesmo a própria linguagem. Nota-se que, por se tratar de uma expressão da cultura transmitida entre gerações e por ser diretamente dependente da coletividade, há um caráter dinâmico carregado de credibilidade e efemeridade patrimonial.

Observa-se com o passar do tempo que o estudo sobre a cultura imaterial tem sido cada vez mais influente, adquirindo importância em estudos antropológicos nas últimas décadas. Nota-se ainda um interesse ao patrimônio imaterial presente nas cidades como reflete Sergio Ivan Braga (2007):

Um conceito interessante para análise de processos socioculturais que tem como lugar as cidades despontam com certo interesse, o de patrimônio imaterial ou de bens culturais intangíveis, representando uma certa novidade em abordagens atuais. Temas como conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, celebrações, manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas, lugares, como mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços, onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas, têm sido enfatizados nos estudos voltados para patrimônio imaterial. Neste caso, a cidade pode ser considerada como um espaço de múltiplas manifestações da cultura popular. Lugar de trocas, encontros e desencontros de diferentes atores sociais (Braga, 2007, p. 9).

Atualmente, observamos um aumento nos estudos antropológicos em meio

a centros urbanos acerca do patrimônio, vê-se uma preocupação em haver integração cultural, visando a desconstrução de um ideal de cultura, realizado a partir do momento em que se assume a devida importância e respeito ao estudo das culturas, dando ênfase a educação patrimonial e artística. O Ensino de Arte como mediador da difusão do conhecimento torna-se uma poderosa estratégia de por sua capacidade de desenvolver empatia no público ou participante. Suas linguagens tem um apelo estético e carrega em si a memória sensória e emocional implicada no aprendizado. Em se tratando da inclusão da cerâmica como intervenção artística e metodológica, destaca-se a perspectiva das pesquisadoras Dolors Ros Frigola e Zandra Miranda:

A palavra cerâmica é de origem grega e alude ao conceito de argila em todas as suas formas. A maior parte dos museus, e graças à qualidade dos materiais, oferece a possibilidade de apreciarmos como, ao longo dos tempos, os artistas de todo o mundo se expressou por meio da argila. (Frigola & Miranda, 2008, p. 7).

A produção de cerâmica é uma atividade muito antiga e seu eixo material é sua execução com argila. Em sua obra, Frigola & Miranda falam sobre a origem das argilas, tipos, manejo, técnicas de modelagem, técnicas decorativas e procedimentos de queima, ou seja, elaboraram um manual técnico completo para quem pratica esta arte.

Ainda sobre as manifestações artísticas, as linguagens refletem e transmitem culturalmente uma sociedade, através delas obtemos um melhor entendimento. Por essa razão seu estudo é influente e necessário. A arte sempre esteve vinculada a cultura, tornando possível o registro estético de costumes e percepções do mundo, dessa forma, traça a identidade de um determinado grupo. Com isso, seu papel como disciplina é a integração dos alunos com as diversas culturas, deixando liberdade para questionamentos e análises.

Dentre estas linguagens, podemos destacar a cerâmica como meio de obter conhecimentos históricos não escritos, por essa razão ela é estudada minuciosamente por arqueólogos e historiadores ao longo dos anos. No decorrer do tempo, ela deixou de ser apenas uma obra de arte ou uma espécie de matéria prima para determinado fim, mas foi ganhando seu espaço e vai modernizando-se em conjunto aos tempos atuais, adaptando-se e compondo as novas tecnologias.

A educação patrimonial e o ensino de arte estão diretamente vinculados, principalmente quando se fala a respeito de cultura, ambos os ensinamentos fazem parte da história e contribuem para o estudo e análises socioculturais. Por meio deles podemos ressaltar e refletir sobre costumes e tradições, dando ênfase a materiais visuais, caso da cerâmica. As cerâmicas arqueológicas e históricas constituem partes do patrimônio material da humanidade, porém suas formas de fazer refletem processos culturais a sua maneira.

Em seu livro “Arqueologia da Amazônia” (2006), Eduardo Góes Neves dedica um capítulo inteiro a descrição da produção ceramista na Amazônia analisando-a como um texto material dos hábitos e dos modos de vida em uma Amazônia Pré-colonial. Dessa forma, localizar a cerâmica enquanto produto do trabalho manual dos povos da Amazônia tem sido um trabalho extenso e produtivo no campo arqueológico ao passo que possibilita conhecer mais dos hábitos desses povos. Do ponto de vista antropológico, para além da sua materialidade, a cerâmica carrega em si o DNA do conhecimento abstrato, a manifestação do universo espiritualista de seus feitores. Nas palavras do antropólogo Darcy Ribeiro (1983):

Um dos limites da arte indígena é a perecibilidade de suas criações. Efetivamente, só na arte lítica e na cerâmica e criatividade indígena encontra materiais capazes de conservar-se sob quais quer condições. São elas, em consequência, as únicas que permanecem testemunhando como centenas de povos, ao longo de milênios, criaram estilos singulares nos quais seus artistas se expressaram admiravelmente. (Ribeiro, 1983, p. 60).

Portanto, acredito que a imersão artística proporciona ao participante uma perspectiva ampliada, uma empatia com o estudo apresentado. Além disso, propicia uma prática pedagógica atrativa, dinâmica e prazerosa aos alunos.

3.1.2 A arte como prática inovadora

Em se tratando da arte, a criatividade é um conceito que precisa ser abordado porque é uma condição definidora do processo de criação de signos e conceitos. Em “Criatividade e Processos de Criação” (2013), por exemplo, a artista plástica Fayga Ostrower discute como a criatividade e o foco em ser criativo deveria estar no ângulo central da nossa experiência de vida.

Considerando “a criatividade como o potencial natural do homem e a realização deste potencial como uma das suas necessidades” (Ostrower, 2013, p. 5).

Segundo a artista plástica polonesa, a criatividade é inerente ao homem, vindo a ser tão necessária quanto a vida, não havendo separação entre criação e viver, uma vez que cria possibilidades para o homem evitar a alienação e lhe dá a oportunidade de se tornar um ser crítico. Neste sentido, afirma que:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se, nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para amente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (Ostrower, 1999, p. 9).

Neste contexto, o ensino artístico no Brasil começou com oficinas organizadas pelos jesuítas para apresentar a arte barroca, sob orientação de mestres artesãos, com o objetivo de ensinar técnicas para a criação de mão de obra. O único momento em que artistas e artesãos tiveram uma educação artística popular foi durante as oficinas, que na época permitiram a criação de arte barroca brasileira com diferenças formais em relação ao barroco europeu (Barbosa e Coutinho, 2011).

A primeira institucionalização do ensino artístico ocorreu com a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, aprovada por decreto de 12 de agosto de 1816. Baseada no modelo neoclássico desenvolvido na Europa, a invasão cultural foi de fato de natureza elitista. A abordagem metodológica baseou-se na cópia de obras clássicas de artistas renomados com foco no aprimoramento de habilidades manuais. Essa idealização foi criada desde 1816, durante o reinado de Dom João VI.

Quando a missão artística francesa chega ao Rio de Janeiro o processo de ensino e aprendizagem das artes se consolida na área educacional, tal visão perdurou até meados da década de 1900. A arte-educadora Ana Mae Barbosa (2002), contextualiza o ensino da arte no Brasil:

Os organizadores da Academia de Belas Artes, célula máter do nosso ensino de Arte, eram franceses, todos os membros importantes da Academia de Belas Artes, do Instituto de França, e bonapartistas convictos. Lebreton, líder do grupo

que posteriormente passou a ser chamado de Missão Francesa, era secretário perpétuo do Instituto de França e Diretor da Seção de Belas-Artes do Ministério do Interior daquele país, tendo-se ocupado, inclusive, de instalar, no recém-criado Museu do Louvre (1793) o acervo resultante da vasta espoliação de Napoleão Bonaparte nos países conquistados (Barbosa, 2002, p. 16).

A inovação artística inicia-se com o conhecimento popular relacionado ao conceito de identidade e memória na produção de um objeto de arte, pensando a identidade cultural como uma combinação de símbolos e dos significados que eles representam, ou seja, algo que uma pessoa ou grupo identifica e defende como sua própria representação. Conhecimentos armazenados na memória de uma pessoa ou de um grupo e repassados às gerações futuras têm, portanto, a estrutura do que são conhecimento e ação popular. Neste cenário, o conhecimento da nação que é guardado, preservado e transmitido de geração em geração de diversas maneiras.

Na construção do material didático, por exemplo, procura-se preservar ao máximo os saberes populares e disponibilizar seu uso para que outros educadores tenham a oportunidade de repassar através do ensino os saberes e procedimentos tradicionais dos mestres artesãos e da área de cerâmica. A combinação do conhecimento popular com a educação formal pode enriquecer a metodologia de sala de aula de forma fascinante para os alunos, especialmente aqueles que vivem nesta comunidade. A aprendizagem pode, assim, ser ministrada por meio de facilitação, o que não seria novidade como metodologia de ensino, sendo desta maneira de fundamental importância para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem no ambiente educacional.

O processo de compreensão das artes abrange tantas áreas que não seria possível colocar todo o conteúdo e conhecimentos num só livro didático, mas é apenas este instrumento que o professor de artes tem como suporte nas suas aulas. Apesar das inovações tecnológicas que hoje permitem o acesso à pesquisa na Internet, os espaços educacionais sem esse dispositivo ainda são muito comuns em todo o país, fato responsável por limitar os educadores a pesquisas menos detalhadas e aprofundadas sobre estes temas.

Ainda em relação ao livro didático, geralmente são utilizados nas aulas de educação artística como único e principal suporte pedagógico, material que, dependendo do autor ou do método de organização, pode se limitar ao

conteúdo de história da arte, usualmente escolhido para essa finalidade a fim de ser o conteúdo curricular escolhido para o desenvolvimento de questões inseridas em provas seletivas. Porém, o educador pode não encontrar nessas obras assuntos específicos de atividades práticas como modelagem em argila e aspectos dos saberes e procedimentos da produção cerâmica em uma determinada sociedade tradicional.

Nesse contexto, podemos analisar a reformulação do conteúdo aplicado no ambiente de aprendizagem segundo Moreira e Candau (2005):

Construir o currículo com base nessa realidade, não é tarefa fácil e irá certamente requerer do professor nova postura, novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias de ensino e novas formas de avaliação. Será necessário que o docente se disponha e se capacite a reformular o currículo e a prática docente com base nas perspectivas, necessidades e identidades de classes e grupos subalternizados (Moreira e Candau, 2005, p. 39).

A introdução do material digital na sala de aula/espço educativo, além de todo o enriquecimento cultural, inclui vários pontos positivos que contribuem para o processo de conhecimento dos alunos, a valorização do conhecimento cultural, o desenvolvimento da coordenação motora, a socialização e a troca de conhecimentos, entre outros aspectos.

Além de incorporar cada vez mais a tecnologia ao nosso cotidiano e ao ambiente escolar, torna-se relevante para o avanço do acesso ao conhecimento. Por outro lado, também exige do professor saber dosar e equilibrar o uso de materiais virtuais e tecnologia procedimentos de forma eficaz.

Assim, viabilizar atividade prática de arte mostra ser atrativo e divertido para a maioria dos alunos. Essas práticas muitas vezes vão além do conhecimento, atingem alunos introspectivos e com dificuldades de socialização, em alguns casos tornam-se uma solução para a vida de um aluno específico ou de uma turma dispersa, se a atividade for introduzida corretamente pelo educador.

Por mais complicado que seja todo este processo de adaptação, os resultados da aprendizagem podem ser surpreendentes, pois a obtenção desses resultados não é apenas do interesse do professor, mas também do interesse do sistema, o que leva a sua implementação ser simplificada.

3.1.3 A prática da modelagem em argila

Em se tratando da cerâmica como intervenção artística e metodológica de sensibilização para o trabalho coletivo, destacam-se as pesquisas de Dolores Ros Frigola e Zandra Miranda. Na obra “Cerâmica Artística” (2002), a consideram como de fundamental importância na questão cultural de uma sociedade. Neste contexto, a definem como:

A palavra cerâmica é de origem grega e alude ao conceito de argila em todas as suas formas. A maior parte dos museus, e graças à qualidade dos materiais, oferece a possibilidade de apreciarmos como, ao longo dos tempos, os artistas de todo o mundo se expressou por meio da argila. (Frigola & Miranda, 2002, p.7)

A produção de cerâmica é uma atividade muito antiga e o eixo material para sua execução é a argila. Frigola & Miranda (2002) abordam a origem das argilas, tipos, manejos, técnicas de modelagem, técnicas decorativas e procedimentos de queima, compilando um manual técnico completo para quem busca o conhecimento desta arte.

Quem também escreve sobre o assunto é Miranda (2016), que desenvolve um trabalho de pesquisa poética captando elementos essenciais da natureza para seu trabalho artístico em cerâmica. Em seu artigo “Caminhos táteis: por uma cartografia sensível” (Miranda, 2016), ela relata:

As séries de gravuras em cerâmica que elaboro partem da forma encontrada na paisagem, de origem mineral, vegetal, e animal, e da terra a que é a própria carne do lugar, portanto, são complementarmente determinadas pela geografia local. Parece-me uma decorrência natural assumir a paisagem como campo de pesquisa. (Miranda, 2016, p.61).

A autora parte da prática para criar um diálogo com outros artistas e experiências, ao mesmo tempo em que destaca o caráter experimental de sua produção artística. Devido à riqueza de materiais coletados na natureza, registra ainda a diversidade artística de seus resultados.

A cerâmica desenvolvida hoje segue um processo que leva muitos anos, em algumas regiões do país, por exemplo, a coleção de material é artesanal, feita com pá para coletar blocos de argila. Assim, o processo de limpeza e amassamento da argila atua nos mesmos padrões de século anteriores. No artesanato, o barro é modelado pela mão humana e ganha formas e retrata histórias de civilizações. Também vira peças decorativas com suas tridimensionalidades que são colocados na modelagem. De acordo com

Rodrigues (2017):

A propriedade mais importante da argila é a plasticidade, ou seja, a capacidade de ser modelada sob a ação de uma força e de se manter com a forma que lhe foi dada. A maior ou menor plasticidade de uma argila depende da sua composição, do tamanho e formato de seus grãos, das impurezas e da quantidade de material orgânico existente. O tamanho e formato dos grãos (que são microscópicos 0,002mm de diâmetro), vão definir a capacidade de absorção de água ao redor de cada grão e a tração entre eles. A água funciona como um lubrificante que permite a movimentação entre os grãos, quanto mais regular for o grão mais uniforme é a distribuição da água ao seu redor e maior a facilidade de movimentação das partículas. Na linguagem popular, costuma-se usar as expressões barro gordo para designar argilas mais plásticas e barro magro para aquelas que contêm pouca plasticidade. (Rodrigues, 2017, p. 30).

O processo da modelagem em argila perpassa por diversas etapas elencadas a seguir:

✓ **Preparo da argila:** A preparação da argila é necessária para criar um trabalho com matéria-prima limpa e livre de impurezas. A argila deve ser amassada para reduzir suas partículas, dando mais plasticidade e proporcionando melhor flexibilidade de modelagem. É importante ter muito cuidado para que a argila não apresente bolhas de ar no interior da peça. Para evita-las, a argila deve ser bem amassada e compactada previamente para iniciar o processo da modelagem, é importante garantir a umidade certa para o desenvolvimento do trabalho. A argila deve ser colocada sobre uma base de dois ou três jornais, esta base deve permanecer durante toda a secagem da peça.

✓ **Modelagem:** Depois do barro preparado, o trabalho de modelagem de peças, a partir de estudos de gestos cotidianos, inicia-se. O formato da argila leva em consideração a escolha dos gestos que cada um preferiu. Deve-se ter cuidado ao unir as peças para garantir adesão em ambas as partes após a secagem. O processo de roçar peças é de suma importância e devem ser cuidadas as paredes da obra para que fiquem uniformes.

✓ **Guardar:** Caso a obra não esteja concluída e seja necessário desenvolver outro momento de finalização da modelagem, deverá acomodar a argila tomando cuidado com a umidade e guardando-a, sempre, em torno de plásticos e, quando for retornar o processo da modelagem, molhe novamente a argila para finalizar o trabalho que falta.

✓ **Secagem:** A secagem passa por três etapas importantes: perda de umidade, perda química de água e perda de sílica. Esta sequência deve ser respeitada para conseguir um processo de secagem adequado. Não se deve pular etapas ao modelar, pois isso pode danificar a peça.

✓ **Acabamento:** Essa etapa é realizada utilizando lixa e espátula para fazer o acabamento de peças removendo excessos e imperfeições, conferindo textura necessária para caracterizar a obra.

✓ **Queima:** A queima é um processo que exige, acima de tudo, cuidado com a temperatura. Primeiro, queime com temperatura 70°C e depois pode aumentar até atingir 600°C ou mais. Tome cuidado para não deixar os pedaços se acumularem, se um deles quebrar, pode prejudicar outras partes devido a bolhas de ar. Esteja sempre atento à temperatura, pois é fundamental, não diminuir o calor antes da hora certa.

✓ **Acabamento depois da queima:** Nesta fase, é importante lixar a peça a fim de oferecer uma textura uniforme antes de pintar. Prepare, então, as peças com fundo branco, cora as tonalidades necessárias e, após a secagem da tinta, passe o verniz.

Observa-se, por meio das etapas referidas, que a modelagem em argila é, sem dúvida, outro recurso que precisa ser explorado com criatividade nas escolas. Esta prática docente proporciona inovação, dinamismo e desperta a participação e o interesse dos estudantes no ensino das artes.

A argila utilizada nesta pesquisa foi adquirida em uma olaria na rodovia AM-070 que liga Manaus ao município de Manacapuru. Foi explicado pelos trabalhadores do local que a argila era retirada de jazidas para posteriormente serem trabalhadas a fim de irem ao forno transformando-se em tijolos, por isso a olaria possuía uma grande quantidade para ser tratada.

A matéria prima recolhida na olaria estava desidratada e possuía impurezas, foi necessário colocar a argila de molho na água por um tempo a fim de hidratá-la e amolecer, para então fazer a limpeza. Este processo foi explicado para os discentes durante a oficina, onde cada um teve a experiência de limpar a argila.

4. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste estudo foi à pesquisa-ação. Ela requer desenvolvimento ativo do pesquisador e ação por parte das pessoas ou grupo envolvido no problema. Esta pesquisa é concebida e conduzida em estreita ligação com uma ação ou com a solução de um problema

coletivo nos quais pesquisadores e participantes, representantes da situação ou do problema, estão envolvidos cooperativamente. Thiollent (2007) define pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com a ação ou com resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2007, p. 16).

A pesquisa-ação, além de fornecer conexões entre teorias e prática, permite ao pesquisador intervir nas atividades propostas.

A natureza desta pesquisa foi qualitativa, tendo como método experimental e prático, o desenvolvimento de uma oficina de prática de modelagem em cerâmica na Escola Estadual Machado de Assis, uma escola de tempo integral, com turmas do 4º ano do ensino fundamental I.

É imprescindível sinalizar a contribuição de John Dewey para o ensino da arte no campo da educação brasileira, pois na obra intitulada “Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição” (1979), o pedagogo acende a reflexão sobre o processo metodológico, filosófico e prático voltado ao ensino desta disciplina. Seu objetivo concentra-se em realizar um conhecimento sobre esta disciplina no Brasil, salientando a necessidade de voltar no tempo e contextualizar historicamente todo o processo de ensino das artes em nosso país.

Neste contexto fica nítido que esta aprendizagem não possuía cunho nacional, mas sim implicações e decifrações internacionais, desta maneira viabilizando uma cultura importada, sem identidade (Barbosa, 2001). A arte educadora Ana Mae Barbosa propõe uma nova abordagem metodológica para o ensino das artes, esta ficou conhecida como a Metodologia Triangular, tendo sua origem no ano de 1991. Em sua obra “Tópicos Utópicos” (1998), Barbosa propõe a mudança desta denominação para “Proposta Triangular”. Nesse sentido ela assinala:

[...] a abordagem que ficou conhecida no Brasil como Metodologia Triangular, uma designação infeliz, mas uma ação reconstrutora. Sistematizada no Museu de Arte Contemporânea de USP (87/93), a triangulação Pós-Colonialista de Ensino da Arte no Brasil foi apelidada de “metodologia” pelos professores. Culpo-me por ter aceitado o

apelido e usado a expressão Metodologia Triangular em meu livro *A imagem do Ensino da Arte*. Hoje depois de anos de experimentação, estou convencida de que metodologia é construção de cada professor em sua sala de aula e gostaria de ver a expressão Proposta Triangular substituir a prepotente designação Metodologia Triangular (Barbosa, 1998, p. 33).

A autora se baseou na DBAE – Discipline Based Art Education – para reformular a proposta triangular, a qual levou em consideração três essências da disciplina de Artes: a prática artística, a apreciação e a história da arte. O ensino das artes deve estimular, também, as produções culturais, isto é, deve inserir os estudantes em espaços culturais contemporâneos com a finalidade de realizar a exposição de seus trabalhos. Além da exposição ter um cunho financeiro, viabiliza uma interação e uma socialização indispensável entre o artista e seu público, havendo trocas de experiências diversificadas e estreitando os laços entre ambos (Bourriaud, 2011).

Losada (2001) também traz uma abordagem sobre a Proposta Triangular, pois ela é entendida como uma vertente progressista. A importância dessa proposta ao ensino das artes visuais é notória, pois une procedimentos da leitura, do fazer artístico e da contextualização; dessa forma, conduz o estudante no espaço e no tempo relacionado ao ensino das artes visuais. O ato de ler é interagir gramaticalmente e contextualmente com um texto e realizar interpretações a partir da análise dos aspectos formais (estéticos) e simbólicos (culturais/subjetivos). Só assim é possível atribuir-lhes significados, ressignificá-los e dar sentido ao que se vê.

O caderno de processos é uma das formas que os artistas utilizam para documentar toda a criação de uma obra, contendo desde as ideias iniciais passando pelo esboço, as ideias aleatórias que as vezes ocorrem em momentos inesperados e que ao final se provam muito úteis, os insights até suas experiências com a técnica, funcionando como um diário de bordo ou de campo. Outro exemplo de aplicabilidade seria o sketchbook. Segundo o designer Adel Sontav:

O Sketchbook serve como meio entre o que aconteceu na sua mente e o que você expressa graficamente. Não só isso, trata-se da via pelo qual o presenciado é absorvido e registrado. A informação ali pode evoluir, ser visitada e revisitada, gerar possibilidades e ir além (Sontav, 2014).

O sketchbook possibilita a reflexão e a experimentação. Por meio dos registros dos artistas, também oportuniza a visitação de memórias do processo de criação. O caderno de processos atua como uma ferramenta útil na hora de análise da coleta de dados, de manter o registro.

Por meio deste instrumento, os alunos conseguem registrar seu próprio relato de experiência, tendo liberdade de utilizar sua imaginação e sendo instigados a questionarem, pesquisarem e transcreverem todo o processo em seu caderno. Em relação ao ensino das artes, ele se torna um elemento pedagógico importante, possibilitando ao professor uma melhor compreensão do estudante, facilitando para que este ofereça suporte e auxílio adequados.

Nesta pesquisa, utilizaremos o termo caderno de processos, mas ele pode ser nomeado de diversas formas, como caderno de bordo, diário, sketchbook, entre outros.

A execução da pesquisa, em forma de oficina de modelagem, contou com a participação de três monitoras que foram essenciais para o andamento do processo. Elas auxiliaram contribuindo com conhecimentos teóricos e práticos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino de cerâmica no ambiente escolar da escola pública pode ser um meio de aproximação entre os alunos e a arte, vista por muitos como exclusiva somente para ambientes artísticos. A cerâmica tem o poder de desconstruir o pensamento de uma arte mais exclusiva, como artes presentes em galerias raramente visitadas pelos alunos de escolas públicas. Possibilita, dessa forma, o diálogo e reflexão entre o fazer artístico e a utilidade das artes, sendo um dos meios artísticos mais valorizados devido ao seu valor utilitário, sendo assim, seu ensino é relevante para a aproximação e valorização do setor.

Segundo Dalmolin (2018, p. 44), “as técnicas de confecção cerâmica foram evoluindo ao longo do processo milenar de modelagem em argila. Elas foram modificando-se, adequando-se e aprimorando-se cada vez mais”. Visto que o ambiente escolar público raramente é apropriado para o ensino das artes, é importante levar em consideração atividades que sejam possíveis de se realizar nas escolas.

A oficina de modelagem ocorreu na Escola Estadual Machado de Assis, uma escola de tempo integral, com turmas do 3º ano do ensino fundamental I, com idades entre 8 e 10 anos, contendo um total de 20 alunos participantes. O período de execução ocorreu entre nove de novembro de 2023 a doze de dezembro de 2023, com um total de dez aulas, sendo três teóricas e sete práticas.

Aula:	01
Conteúdo:	Contextualização do projeto
Data:	07.11.2023
Duração:	02 horas
<p>Descrição da atividade: Aula teórica</p> <p>No primeiro momento, os estudantes foram apresentados aos objetivos do trabalho e como procederia a execução da pesquisa. Uma oficina de prática de modelagem em cerâmica foi a metodologia escolhida para colocar em prática a pesquisa na instituição de ensino. Mostrou-se exemplos de peças de cerâmicas, tanto profissionais como artesanais, para que os estudantes pudessem ter uma ideia de como a oficina resultaria em um produto concreto.</p> <p>A realização da oficina de modelagem contou com a participação de três monitoras do quinto ano, dentre 11 e 13 anos. As monitoras tiveram a experiência de participar da oficina de modelagem no ano anterior, obtendo ótimo desempenho, o qual resultou nas peças de cerâmica finais de cada uma.</p> <p>Na oficina antecessora, as monitoras aprenderam sobre o processo de modelagem e, ao final, puderam levar suas peças para casa. Quando se realizou o convite, foi explicado o que era esperado delas e como precisariam ter mais responsabilidade e autonomia para auxiliar outros discentes, explicou-se que um dos requisitos muito importante seria a paciência. Por se tratar de uma escola pequena, as monitoras já conheciam os alunos que participariam da oficina, o que facilitou o diálogo.</p> <p>Nesta construção, os alunos passaram a utilizar seus cadernos de artes</p>	

para fazer anotações dos processos ocorridos nas aulas como forma de registro do passo a passo da oficina. Abordando desde o conceito inicial - o qual pode sofrer variadas transformações - passando pesquisas, ideias que só acontecem fora da sala de aula e até mesmo a sua operacionalidade. Evidencia assim como seu funcionamento a fim de registrar o andamento das peças, as técnicas utilizadas, o que deu certo e o que deu errado, também, uma vez todos esses elementos assertivos constituem a prática do aprendizado.

Para que esta atividade pudesse ser realizada, cada estudante recebeu seu caderno de artes e teve autorização de levar para casa com a finalidade de acompanhar a atividade.



Figura 01 - Este foi o laboratório de ciências cedido pela escola para a realização prática da pesquisa. Possui duas pias grandes, duas bancadas grandes de mármore e 25 bancos a disposição; o laboratório também possui uma grande estante embutida, a qual utilizamos para armazenar as peças. O espaço também conta com um banheiro e uma lousa.

Fonte: O próprio autor, 2023

Aula:	02
Conteúdo:	Educação patrimonial
Data:	09.11.2023

Duração:	01 hora
<p data-bbox="280 293 794 322">Descrição da atividade: Aula teórica</p> <p data-bbox="242 344 1342 651">Em outro momento, a abordagem do conceito de patrimônio integrou os momentos de interação entre professora e estudantes. Estes aprenderam como esse preceito pode estar presente no seu dia a dia, assim como seus aspectos técnicos tal como métodos de preservação, conservação, entre outros. Neste cenário, os estudantes entenderam melhor quando obtiveram uma comparação com bens materiais.</p> <p data-bbox="242 674 1342 875">Iniciamos o debate sobre o conceito de patrimônio cultural, mostrando exemplos conhecidos da nossa cidade. A partir da exposição dos conteúdos e do entendimento dos estudantes, foram separados em dois tipos, a saber patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial.</p> <p data-bbox="242 898 1342 1144">Neste cenário, foi exemplificado o conceito de cada um e os alunos compreenderam que o patrimônio material se caracteriza por objetos, prédios ou monumentos, ou seja, algo concreto, físico. Enquanto o patrimônio imaterial se caracteriza por algo mais abstrato como o conhecimento, o saber fazer e o aprendizado passado por gerações.</p> <p data-bbox="242 1167 1342 1693">Alguns exemplos de patrimônio cultural material em Manaus seriam o Teatro Amazonas, que é um marco histórico e turístico da nossa cidade, e o Monumento Aberturas dos Povos que fica localizado no centro da praça de São Sebastião, de frente para o Teatro Amazonas. Esse monumento é alusivo à abertura dos portos e rios da Amazônia à navegação estrangeira. Para exemplificar o tens conceito de patrimônio cultural imaterial foram mostrados alguns modelos como a culinária. O x-caboquinho – sanduíche típico da culinária do Amazonas, consiste em um pão francês recheado com lascas de tucumã, banana pacovã madura frita, queijo coalho e manteiga -, o tambaqui assado e festas de cunhos religiosos.</p> <p data-bbox="242 1715 1342 2018">Os alunos ouviram atentamente as explicações e participaram dando suas opiniões e trazendo questionamentos. Ao final da primeira aula da oficina, os alunos tiveram uma atividade para realizar em casa: escrever em seus cadernos de processos o conceito de patrimônio cultural, com base no que aprenderam na aula e complementando, também, com uma pesquisa. Desta maneira, iniciaram os primeiros registros em seus cadernos.</p>	

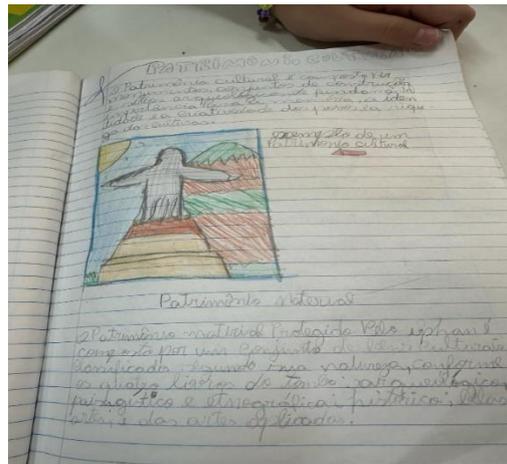


Figura 02 - Caderno de processos
Fonte: O próprio autor, 2023

Os alunos foram instigados a lembrar o que foi trabalhado na ministração anterior sobre patrimônio. Houve um debate em classe sobre os conteúdos abordados nos encontros antecessores em relação ao patrimônio cultural. Discutiu-se também sobre a diferença entre patrimônio material e imaterial, aproveitando para incluir o exercício que os alunos haviam levado como tarefa de casa. O objetivo desta atividade foi ajudar a compreensão dos conteúdos, mas também impulsionar os alunos a lerem por conta própria e depois escreverem em seus cadernos de processos.

A socialização da aula por meio de um debate foi bem satisfatória, pois os alunos tinham entendido o conceito na última aula e com a pesquisa trouxeram vários exemplos regionais e nacionais. Desta maneira tornaram a aula mais interessante, participativa e dinâmica.

O foco da aula seguinte foi falar sobre argila e cerâmica. No primeiro momento foi conversado sobre a matéria prima que é utilizada para confeccionar as peças de cerâmica, isto é, a argila. A discussão acerca da diferenciação entre a argila e o barro é de suma importância nas aulas a fim de que os estudantes não se confundam e compreendam que, para o barro ser transformado em argila, ele passa por um tratamento. Neste contexto, os alunos aprenderam como podem moldar os dois materiais, porém somente a argila resultará, depois da queima, em cerâmica.



Figura 03 - Imagem da ilustração realizada por um aluno em seu caderno de processos, após a aula prática onde foi ensinado, exemplificado e praticado com o auxílio da massinha de modelar a técnica de rolinhos sobrepostos, os alunos tiveram a tarefa de desenhar este processo para ajudar a compreender, aprender e fixar a técnica.

Fonte: O próprio autor, 2023

Aula:	03
Conteúdo:	Amostra prática da técnica de modelagem
Data:	14.11.2023
Duração:	02 horas
<p>Descrição da atividade: Aula teórica e prática</p> <p>Os alunos apresentaram para a turma a tarefa que levaram para casa, que foi a pesquisa sobre dois objetos de cerâmica que detinham em casa e deveriam desenhar em seu caderno de processos. Cada aluno compartilhou seus desenhos e tivemos uma roda de conversa sobre eles, alguns alunos não tinham certeza sobre alguns objetos e resolveram pesquisar na internet. O objetivo desta atividade foi fazer com que os alunos se familiarizassem com a cerâmica e percebessem como ela já estava inserida em seu cotidiano.</p> <p>Na segunda parte do encontro, foi apresentada duas técnicas indígenas:</p>	

a técnica do *Acordelado* ou *Acordelada*, popularmente chamada também de técnica dos rolinhos sobrepostos, e a técnica *Pinch Pot*, conhecida como técnica da bola. O primeiro método consiste em fazer a sobreposição de rolinhos de argila e sua junção efetiva-se por meio de alisamento com os dedos, formando a peça planejada. Segundo a pesquisadora Soeli Dalmolin:

Com a técnica do acordelado(a) pode-se trabalhar desde pequenos objetos artísticos ou utilitários até grandes esculturas em argila. Ao juntarem-se os cordões (rolinhos) e “costurar” a argila com os dedos esta ganha e dá sustentação ao trabalho artístico a ser desenvolvido ao longo da confecção da peça cerâmica. (Dalmolin. 2018, p. 35)

O procedimento indígena *Pinch Pot*, também conhecida como técnica da bola ou beliscão, consiste em fazer uma bola de tamanho mediano como base e depois amassá-la com o polegar, como se fossem pequenos beliscões, assim molda-se a massa da forma desejada sem auxílio de ferramentas, usando somente as mãos para modelagem.

Os dois métodos possibilitam modelar peças em diversos formatos e tipos, como vasos, esculturas, canecas e panelas. As técnicas possibilitam os alunos a entenderem todo o processo artesanal de fabricação cerâmica, enriquecendo culturalmente o ambiente escolar. “Na arte da cerâmica artesanal, nenhum objeto é igual ao outro. Os objetos podem até serem similares, porém cada um tem sua própria identidade, suas digitais ou mesmo a sua própria personalidade” (Dalmolin. 2018, p. 44).

Depois de apresentada e explicada as técnicas da modelagem, os estudantes iniciaram a prática. Cada aluno recebeu massinha de modelar para utilizar no experimento. O primeiro passo foi amassá-la, com bastante força, e senti-la, antes de iniciar o formato de algum objeto. A finalidade era deixá-la mais maleável. Eles foram instruídos que deveriam fazer uma bola e em seguida aplicar a técnica do beliscão, pressionando o seu centro e moldando a massinha apenas com o auxílio dos dedos. Enquanto os alunos estavam praticando, explicou-se a eles que o objetivo era deixar a peça o mais uniforme possível, ou seja, todos os seus lados com a mesma espessura. Em seguida, os alunos praticaram a técnica do *acordelado*, fazendo vários rolinhos para colocar por cima da base feita anteriormente.

Nesta prática, eles fizeram peças como cuias e canecas.



Figura 04 - modelagem com massinha
Fonte: O próprio autor, 2023

Os estudantes conseguiram aprender e reproduzir a técnica ensinada de maneira muito satisfatória com a massinha, tentando deixar o mais uniforme possível. Foi explicada a importância da uniformidade nas peças de argila antes de irem ao forno e como é crucial para elas saírem intactas.

Ao final do encontro, foi pedido para os estudantes relatarem todo o processo da técnica em seus cadernos, caso precisassem, poderiam pesquisar na internet sobre o procedimento a fim de entenderem melhor ou conseguirem descrevê-lo com maior precisão.



Figura 05 - Está imagem se refere a aula prática sobre a técnica de rolinho sobrepostos, para apresentar a técnica foi proposto fazer uma experiência primeiro com uma matéria que eles já conheciam, a massinha de modelar, foi escolhida por ser um material utilizado na escola, ter um bom custo benefício e ser bem maleável o que facilita na hora da modelagem. Foi observado que esta experiência ajudou os alunos a compreenderem a técnica antes de fazendo o processo de modelagem na argila em si.

Fonte: O próprio autor, 2023

--

Aula:	04
Conteúdo:	Limpeza da argila
Data:	16.11.2023
Duração:	02 horas

Descrição da atividade: Aula prática

Iniciou-se a prática, a atividade foi desenvolvida no laboratório de ciências da escola. O ambiente possui dois balcões grandes e largos com capacidade para dez pessoas, duas pias grandes, uma lousa, prateleiras e um banheiro. O espaço é bom para produção, uma vez que não é apertado e se tornou o mais viável para execução da prática de modelagem, porém, durante a oficina, estava sem ar condicionado e apenas com uma pia funcionando.

No começo da aula, foi explicado como é feita a preparação da argila, como ela deve ser limpa, de preferência, com o auxílio de uma peneira para extrair as impurezas que vem naturalmente com a argila, como pequenas pedras e pequenas lascas de madeira, desta forma evita-se possíveis problemas, como rachaduras, quando esta for ao forno. Os alunos tiveram a experiência de limpar a argila, por questão do tempo, a maior parte da matéria prima já havia sido devidamente limpa para a oficina, mas reservei alguns quilos para que os alunos tivessem a experiência de fazer a limpeza da argila que eles utilizaram para fazer suas peças.

Cada aluno pegou um pedaço pequeno de argila e foi apalpando, verificando e retirando as impurezas, como pedras e pedaços de madeira. Em seguida, limpavam com o auxílio de uma peneira. A argila estava bem hidratada, em condição bem maleável, assim eles não tiveram dificuldade de modelar com os dedos.

A maior surpresa dos alunos foi o fato da argila sujar muito e ser bem macia. Foi explicado que ela deve ser bem hidratada, para isto borrifa-se água a fim de alcançar essa textura, mas com cuidado, porque muita água

também pode deixar a argila aguada e prejudicar na hora da modelagem. Após esse processo, ela deve ser guardada em uma sacola bem fechada e borrifada com água, pois irá manter o estado maleável da argila.



Figura 06 - Limpeza da argila com peneira

Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 07 - A limpeza da argila ocorreu no refeitório da escola, por questão de espaço, foi o primeiro contato dos alunos com a argila e ela estava bem hidratada, conseqüentemente mole, utilizamos jornais para cobrir as mesas para diminuir o risco de sujar o refeitório e auxiliar a absorver o excesso de água presente na argila.

Fonte: O próprio autor, 2023

Conteúdo:	Sovagem
Data:	21.11.2023
Duração:	02 horas
<p>Descrição da atividade: Aula prática</p> <p>Os alunos receberam mais argila limpa e começamos o processo de sova. Eles sentiram certa dificuldade porque a argila estava bem hidratada, quanto mais tentavam batê-la no balcão, mais ela grudava. Neste contexto, eles foram orientados a fazer a sova com as mãos até que a argila pudesse ficar um pouco mais ressecada para não grudar.</p> <p>Depois ensinou-se o processo de verificação com a ajuda da linha de náilon. Explicou-se que, quando cortado, as partes não devem mais ter os furinhos de ar, assim podemos saber se a argila foi bem sovada e preparada. Ao final, cada aluno, depois de verificar a sova com o garrote, guardou a argila em uma sacola e borrifaram para preservá-la hidratada até a outra aula prática.</p> <p>Anteriormente, foi ensinado aos alunos como funciona o armazenamento adequado da argila. Em uma sacola plástica, sem furo, coloca-se a argila, borrifa-se a sacola e depois amarra-a. Por meio desse procedimento, os alunos puderam verificar que a argila se mantém hidratada da mesma forma como foi guardada na sacola no dia anterior.</p> <p>A seguir, eles foram instruídos a sovarem a argila mais um pouco para poder senti-la e verificar se ela estava muito hidratada. Todavia, continuar a sorvar em cima de um jornal ajudaria a absorver um pouco do excesso da água ou iria viabilizar a percepção dos estudantes se a argila estava em um ponto de equilíbrio maleável. Depois de sovarem por mais uns dez minutos, começaram a modelagem com a técnica do <i>acordelado</i>. Foi solicitado aos alunos para utilizarem um pedaço da argila, fazerem uma bola e colocarem o restante na sacola e borrifa-la em seguida.</p> <p>Ao final da aula foi reforçado aos discentes a importância do armazenamento adequado da argila. Infelizmente, não foi possível fazer aulas em dias consecutivos, logo para que a argila estivesse no mesmo ponto a ser possível continuar de onde parou na aula anterior, os alunos</p>	

precisaram ter a preocupação de fazer o armazenamento de forma correta. Esta parte foi explicada em quase todas as aulas.

Outro ponto importante tratou-se de como manusear a sacola com a peça em andamento em seu interior. Foi explicado a fragilidade do objeto enquanto encontra-se em seu processo de modelagem e foi solicitado em todas as aulas atenção extrema e cuidado na hora de manusear as sacolas, tanto no momento de guardar ao final da aula, como no momento de buscar sua sacola ao início da reunião acadêmica.



Figura 08 – Modelagem utilizando a técnica de rolinho sobreposto. Nesta imagem, o aluno está fazendo o segundo rolinho e unindo com a base da peça com o auxílio da barbotina. Nota-se que ao lado da peça o aluno já separou mais uma quantidade de argila para fazer o próximo rolinho.

Fonte: O próprio autor, 2023

Aula:	06
Conteúdo:	Início da modelagem
Data:	23.11.2023
Duração:	02 horas
<p>Descrição da atividade: Aula prática</p> <p>As sacolas ficavam armazenadas em estantes. O laboratório possui estantes fixas que auxiliaram na hora de guardar as peças. Os alunos já tinham tido a experiência da prática com a técnica e a utilização da massinha de modelar, então eles já entendiam o que deveria ser feito, porém a primeira</p>	

diferença que notaram foi como o processo é mais difícil e demorado com a argila, por ela ser mais consistente.

Outra grande diferença foi o fato da argila rachar, pois com essa técnica a argila se expande com o auxílio dos dedos, logo torna-se normal haver rachaduras em algumas partes. Outro passo da modelagem é perceber se a argila está em um ponto bem maleável e hidratado, desta maneira ajeita-se com os dedos e se ela estiver um pouco mais seca pode borrifar um pouco de água e ir moldando a peça com as mãos.

Para isso eles aprenderam o que é a barbotina, uma mistura pastosa de argila e água que serve como cola para fazer aplique nas peças, um ponto importante é que ela deve ser feita com a mesma argila usada na produção da peça. E para fixa-la é preciso fazer riscos na peça onde for passar a barbotina, estes auxiliam na hora de fixa-la e ajudam a colar os rolinhos. O exemplo foi usar *hashtag*.

No processo da modelagem, a principal habilidade é a paciência, pois é caracterizado como um processo lento e delicado. À medida que o manuseio com as mãos vai se repetindo a peça vai rachando de um lado, verifica-se, nesse interim, se o fundo ainda está muito grosso entre outras coisas. Esse é o momento de aprender errando e recomeçar, se for preciso. Os alunos compreenderam tal fato com a prática de moldar um vaso.

A sexta aula buscou o formato da peça, o objetivo era que todos os alunos conseguissem deixar a peça na altura planejada, ou seja, fazer o máximo de rolinhos. Nesta parte, foi observado certa dificuldade enfrentada pelos alunos, muitos rolinhos rachavam antes mesmo de terem a chance de se unir a peça, outros rachavam depois de colados com a barbotina. Foi um processo no qual cada aluno teve a paciência de modelar mais de uma vez o mesmo rolinho. Ao final da aula, muitos dos estudantes não conseguiram terminar os rolinhos.



Figura 09 - A imagem retrata a base da peça, ela é produzida a partir de um pedaço de argila em formato circular sendo amassado, depois para fixar os rolinhos da estrutura da peça, é importante fazer ranhuras ou riscos, como o da imagem, na prática para auxiliar nesta etapa utilizamos palitos de dentes.

Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 10 - Processo de modelagem utilizando a técnica de rolinhos sobrepostos, nesta imagem podemos observar o movimento realizado pelas mãos do aluno, como um deslizar dos dedos que ajudar a dar a forma desejada para o rolinho. Uma observação feita pelos alunos era que esse processo era semelhante a fazer “uma cobrinha” de massinha de modelar, uma brincadeira e modelagem que eles estão familiarizados, o que facilitou essa parte da modelagem.

Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 11 - Peça produzida com o formato diferente, uma das propostas do projeto era que os alunos tivessem a autonomia de desenvolver as peças de acordo com a sua preferência e criatividade, foi ensinado a mesma técnica para todos para cada um produzia um objeto único a sua maneira. Está aluna preferiu fazer uma peça mais baixa e mais larga, ao mesmo tempo que foi utilizado menos rolinhos, os que foram feitos precisaram ser maiores do que os das outras peças
Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 12 - Rolinhos sobrepostos
Fonte: O próprio autor, 2023

Aula:	07
Conteúdo:	Estruturando a peça
Data:	28.11.2023

Duração:	02 horas
<p>Descrição da atividade: Aula prática</p> <p>A sétima aula da oficina tinha o objetivo de conclusão da modelagem de rolinhos e finalizarem o formato bruto da peça. Os alunos tiveram algumas dificuldades, primeiro em fazer os rolinhos e impedir que eles rachassem quando se curvassem eles usaram a barbotina para neutralizaras rachaduras, depois na hora de colar na peça. Explicou-se que depois desse processo era a hora de moldar com os dedos para ajudar a aplicar adequadamente, nesse processo, foi utilizado a barbotina e as mãos. Foi elucidado que esse aplique ou colagem é a parte mais frágil da peça, por isso os alunos deveriam ter mais cuidado na hora de manusear os vasos.</p>	
	
<p>Figura 13 – O processo de modelagem dos rolinhos sobrepostos quase no final, podemos observar nesta imagem que a peça já está com uma boa estrutura se tratando de tamanho, o estudante estava terminando de unir o último rolinho com os demais para deixar a peça mais uniformizada, sem aparentar a técnica que foi utilizada para sua produção.</p> <p>Fonte: O próprio autor, 2023</p>	

Aula:	08
Conteúdo:	Uniformização da peça
Data:	05.12.2023
Duração:	02 horas

Descrição da atividade: Aula prática

Na oitava aula, os alunos aprenderam a uniformizar as peças somente com a modelagem utilizando as mãos. Como a argila estava em um estado bem hidratado, por causa da barbotina, eles tiveram todo o cuidado de não pressionar fortemente as peças, alisaram as laterais dos vasos, usando os próprios dedos para uniformizar as peças. Neste momento, as peças ainda estavam em estado de modelagem, então precisava de cuidado especial. Ao final da aula, foi solicitado que deixassem as peças fora das sacolas para que pudessem secar até a próxima aula.

Aula:	09
Conteúdo:	Polimento
Data:	07.12.2023
Duração:	02 horas

Descrição da atividade: Aula prática

No nono encontro, foi explicado que o acabamento de uma peça de argila inicia com polimento para poder ir ao forno. O polimento ajuda a deixar a peça mais uniforme, lisa e brilhante, dando um novo aspecto. Um bom polimento significa uma peça mais bem-acabada e mais valorizada. Para fazer o acabamento foi utilizado como ferramenta colheres.

Por conta da sala permanecer fechada entre uma aula e outra, impossibilitando que as peças tivessem acesso ao sol, elas ainda estavam um pouco moles, logo não podiam pressionar com muita força as ferramentas nas peças na hora de polir, pois isso poderia danificar alguma parte do vaso.



Figura 14 - Polimento

Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 15 - Peça sendo polida com o auxílio de uma colher de alumínio. Nesta imagem, podemos observar que a peça já ganha uma coloração diferente, quase prateada, onde já foi polida devidamente. Isso ajudou os alunos a terem a percepção de que o processo estava dando certo, também notamos o nome do aluno na parte inferior da base da peça. Cada aluno foi instruído a colocar uma identificação em sua peça, nesta posição escolhida ficou mais discreto

Fonte: O próprio autor, 2023

Conteúdo:	Polimento
Data:	12.12.2023
Duração:	02 horas

Descrição da atividade: Aula prática

O decimo encontro foi para o acabamento e finalização da peça. Esta aula foi especialmente para os alunos terminarem de polir seus objetos.



Figura 16 - vasos polidos

Fonte: O próprio autor, 2023

Os estudantes começaram a polir com as colheres, utilizando à costa do objeto, assim eles conseguiram controle e posteriormente um bom resultado também. Além disso, eles tiveram maior facilidade de polir a parte de fora do vaso, em especial por conta do alcance das colheres e por elas não serem maleáveis, eles ficaram receosos de polir e acabar machucando o vaso, porém com cuidado eles foram polindo devagar.

Ao final da oficina, os estudantes pegaram suas peças com muito cuidado, para no futuro passar pelo processo da queima. A figura a seguir ilustra o processo final da prática de modelagem desenvolvida pelos estudantes da Escola Estadual Machado de Assis, com o auxílio da professora de Artes.



Figura 17 - Onze peças passadas pelo processo de modelagem, secando depois do polimento.

Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 18 - Treze peças após o polimento. Finalizadas

Fonte: O próprio autor, 2023



Figura 19 - Dezesseis peças finalizadas, podemos observar nesta imagem como cada uma vai alternar o tamanho, formato e uniformidade; sendo estas características passadas por seus produtores na hora da modelagem.

Fonte: O próprio autor, 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o presente estudo tem demonstrado ser de grande relevância em relação à utilização da modelagem na educação. Pela forma como estrutura o pensamento por meio de técnicas de construção, materialização do pensamento, senso estético e possibilidade de conexão com o mundo da arte e novas culturas.

A pesquisa foi implantada através de uma oficina desenvolvida com os alunos do Ensino Fundamental I na Escola Estadual de Tempo Integral Machado de Assis como forma de experimentar as possibilidades desse material didático pedagógico, a participação e o interesse dos estudantes, bem como o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Artes. A oficina apresentou dados para análise na sua realização.

A instituição de ensino apresenta um excelente espaço para o desenvolvimento da prática da modelagem com os estudantes do ensino fundamental I. Uma vez que possui um laboratório com duas bancadas grandes de mármore, duas pias grandes, estantes e um banheiro, possibilitando assim uma boa estrutura para aplicação de aulas de arte, principalmente nas atividades práticas nas quais os alunos necessitam de um espaço adequado para desenvolver a criatividade. Então, a partir da pesquisa, ficou nítido que a aplicação da oficina de modelagem contribuiu de forma enriquecedora em seus desdobramentos em prol da educação pública.

Observou-se também a falta de paciência dos estudantes, por se tratar de crianças muitos queriam fazer o processo de forma acelerada, muitas vezes perdiam o interesse se a modelagem não ficasse da forma desejada desde a primeira tentativa e se frustravam acabando por descontinuar as peças. Um exemplo disso foi no momento de sovar e limpar a argila antes de iniciar a modelagem, o processo foi realizado com rapidez e algumas peças não sobreviveram.

Tiveram estudantes, no entanto, que utilizaram os momentos de modelagem de forma relaxante, depositaram concentração e, ao invés de ter pressa, buscaram fazer um trabalho mais minucioso, mesmo que demorasse mais tempo. Alguns chegaram a auxiliar outros alunos.

Outro ponto observado foi demonstrar aos estudantes que o livro pedagógico não é o único recurso didático a ser utilizado na aprendizagem de Artes. Nesse cenário, evidenciar uma tendência pedagógica que não fosse a tradicional tornou-se um grande desafio, pois o material didático ainda é o recurso mais utilizado nas diversas áreas do conhecimento.

Além disso, a inovação, a mudança e a quebra de paradigmas no processo de ensino e aprendizagem ainda são, na maioria das vezes, um dos maiores desafios e obstáculos enfrentados por docentes e discentes no cotidiano escolar.

A realização da oficina contou com o apoio de três monitoras que participaram de uma oficina de modelagem em argila ofertada no ano anterior. As três discentes tiveram um ótimo desempenho e resultados finais em sua primeira experiência, além de serem excelentes alunas nas demais disciplinas o que foi um ponto importante em consideração.

As monitoras auxiliaram os alunos durante todo o processo, sanando dúvidas, demonstrando a técnica, tendo paciência e uma postura adequada. Ocorreu uma troca de experiência entre quem já tinha um conhecimento e quem o estava vivendo e adquirindo durante a oficina. Foi importante para os discentes vislumbrarem o conhecimento tanto teórico como prático por meio de outros alunos, ao mesmo tempo em que foi interessante ver a interação das monitoras em um papel que exigia mais responsabilidade.

A experiência na oficina de modelagem oportunizou uma aprendizagem coletiva como um todo, tanto das monitoras como dos alunos, sendo possível uma análise do processo a partir do ponto de vista mais interno, tanto registrado em caderno de processos como oralmente.

A realização do processo de queima das peças produzidas estava prevista para acontecer no laboratório de cerâmica da Faculdade de Artes da UFAM, que possui um forno industrial que é utilizado na queima das produções das aulas de cerâmica, porém no intervalo entre a realização da oficina e a defesa da pesquisa não foi possível realizá-la. Não seria possível também que os alunos acompanhassem a parte de queima pela dificuldade da mobilidade dos mesmos.

Entretanto o foco da pesquisa foi o processo de modelagem em argila,

observando o andamento tanto individual como coletivo dos alunos, protagonizando suas produções e registros.

Tendo isso em vista, a pesquisa não foi prejudicada por não conseguir dar prosseguimento a parte da queima, assim gerando peças de cerâmicas, mas cumpriu seu objetivo oportunizando aos estudantes a oficina de modelagem em argila e transmitindo tanto conhecimentos teóricos como práticos.

A pesquisa trouxe inovação, riqueza de conhecimento e dinamismo ao processo de ensino e aprendizagem desses educandos. Por meio do caderno de processos, os estudantes tiveram a oportunidade de pesquisar, desenvolver rascunhos, elaborar pensamentos e transforma-los em anotações. Não foi somente uma forma de registro, mas uma forma única de expor a perspectiva de cada aluno como individuo pensante e participativo de todo o processo.

O processo na oficina contou principalmente com a modelagem manual dos discentes, tendo sido utilizado poucas ferramentas para no auxílio do processo, como a sacola para armazenamento adequado da peça, o *nylon* para repartir e verificar o estado da argila depois do processo de *sovagem*, e a colher para polir as peças posteriormente a modelagem.

A modelagem na argila em si, no entanto, ocorreu de maneira simples e manual tendo como principal objetivo que cada discente desenvolvesse a habilidade de modelagem com as próprias mãos, contribuindo assim no aprimoramento da coordenação motora e demonstrando um processo mais intimista e simples de modelagem com essa matéria prima.

É interessante ressaltar que quando os estudantes ouviram falar sobre a cerâmica tinham como base de conhecimento o filme "*Ghost – do outro lado da vida*" (1990, 2h2min) protagonizado por Patrick Swayze, Demi Moore e Whoopi Goldberg. O longa-metragem retrata uma cena tão icônica e atemporal que mesmo o aluno nascido mais de uma década depois de seu lançamento reconhecem a cena.

Na sequência em questão, a personagem Molly, representada por Demi Moore, é uma artista e está esculpindo uma peça de cerâmica com a ajuda de um torno elétrico, sendo auxiliada por seu parceiro romântico Sam, interpretado por Patrick Swayze. A cena em si é considerada até hoje uma das mais românticas do cinema.

A maioria dos estudantes baseou-se nesta cena e questionaram se a oficina de modelagem também seria dessa forma, com a ajuda do torno elétrico. Foi uma surpresa a negativa, mas foi logo esquecida quando eles começaram a aprender a técnica.

Os alunos de ensino fundamental I são muitos receptivos, em sua maioria; para essas atividades de artes, eles se empolgaram, se empenharam e apresentaram resultados bastante criativos. Foi para isso que realizamos esse experimento, na pretensão de alcançar um ensino que possibilite uma aprendizagem mais libertadora e autônoma. A abordagem proposta para esta pesquisa possibilitou a abertura das perspectivas sobre aprendizagem, principalmente no que compete ao Ensino de artes, como um sistema de mediação da cultura e um balizador de seu desenvolvimento. Desta forma, percebemos a relevância do ensino de artes, principalmente nas escolas de educação básica, onde os estudantes estão no processo de formação.

Por meio da implementação desta pesquisa os alunos tiveram a experiência de atuarem em uma oficina de modelagem, ampliando seus conhecimentos interdisciplinares, os ajudando na coordenação motora, no pensamento crítico, na pesquisa, na construção de registros consecutivos.

Esta pesquisa teve como um dos seus objetivos oferecer protagonismo aos alunos em seus questionamentos, suas convicções, sua paciência, seus aprendizados, nas trocas ocorridas, no processo como um todo, uma vez que apesar de ser individual, no qual cada estudante teve a oportunidade de produzir sua peça, também é uma experiência coletiva onde houve troca de ideias, diálogos, sensação de pertencimento e parceria.

O programa de Pós-graduação do Prof-Artes ajuda os professores de artes das escolas públicas a ampliarem horizontes, tanto no conhecimento quanto na progressão de carreira. Através do programa, temos contatos e trocas com outros profissionais da área e podemos perceber como todos passamos pelos mesmos problemas de forma isolada em nossas escolas.

Por vezes a vida profissional de um educador é exaustiva e solitária, apesar de trabalhar com grandes salas repletas de alunos, é difícil termos a oportunidade de externalizar o que nos preocupa, nos pega desprevenidos e o que queremos melhorar, estando em nosso alcance ou não. Com o mestrado,

tivemos a experiência de ouvir outros relatos, de dar voz a pensamentos que muitas vezes silenciámos por não conseguirmos compartilhar. Além de trazer a oportunidade de uma edição continuada, oportuniza o sonho e o objetivo de qualquer profissional que busca o seu aprimoramento, enquanto professores sabemos como esse segmento é dinâmica e rotativo e temos que está em constante aperfeiçoamento e buscando conhecimento.

Por meio do curso, tivemos a experiência de sentar nas cadeiras da faculdade como alunos de novo depois de tanto tempo. Foi estranho e reconfortante mudar um pouco a perspectiva de professor para aluno depois de tantos anos de carreira, assim como foi desafiador me ver diante desta versão particular que teve que amadurecer para encarar as salas de aulas, ao mesmo tempo é satisfatório reconhecer as nossas variadas versões e sempre tentar se doar ao máximo em todas elas.

Infelizmente, enquanto profissional da educação, sabemos que o emprego não vai ser tão valorizado ou remunerado quanto merecíamos, logo vemos no mestrado mais do que um objeto para alcançar maior conhecimento, mas um jeito de galgar um salário melhor e mais justo para nossa classe.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, I. F. **Cerâmica na escola: Criação de material didático digital**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campus Cidade de Goiás, 2021.
- BARBOSA, A. M. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BARBOSA, A. M. e COUTINHO, R. G. **Ensino de arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BARBOSA, A. M. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- BOURRIAUD, N. **Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAGA, S.I. (org). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Editora da Universidade federal do Amazonas- EDUA, Manaus, 2007.
- CARVALHO, A. C. **Acerta mais ENEM: Ciências humanas e linguagens**, v. 1/ [Colab.] [et al.]; [Editor] Rodrigo Gonçalves - 1. Ed. - São Paulo: MWC Editora, 2020.
- COSTA, E. G. S. **Cerâmica, arte Elementar: Experimentações no Ensino Fundamental**. Nacional de Educação 2015. Disponível http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA20_ID3822_25052016211911.pdf>. Acessado em 10 de abril de 2022.
- D'ANTINO, C. **O Barro e a Expressão do Excepcional**. In: CAMARGO, L (org.). **Arte-educação: da pré-escola à universidade**. São Paulo: Nobel, 1989.
- DALMOLIN, S. de F. dos S. **Cerâmica: arte e conhecimento prático e teórico para a educação básica**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba, 2018.
- DEWEY, J. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição**. [Trad. Haydée Camargo] Campos. 4ª ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade

de Brasília, 2009. 132 p.

FRIGOLA, D. **Cerâmica Artística**. Lisboa: Editorial Estampa, 2008.

GHOST - Do Outro Lado da Vida. Direção: Jerry Zucker. Produção: Steven Charles Jaffe, Bruce Joel Rubin, Howard W. Koch, Lisa Weinstein, Lauren Ray. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1990. DVD.

GIANNOTTI, S. **Dar a forma é formar-se: processos criativos da arte para a infância**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Disponível Educação e Linguagem) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo : s.n., 2008. 235p.

LOSADA, T. M. **A interpretação da imagem: subsídios para o ensino de arte**. Rio de Janeiro: MauadX: FAPERJ, 2001.

MIRANDA, Z. C. de. **Trajetos táteis: por uma cartografia sensível**. In: Conversações com a cartografia escolar: para quem e para que. São João Del Rei. p.59 a 74. UFSJ. 2016

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. C. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. In: Educação como exercício de diversidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. 476 p.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2006.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. 2.ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 1999.

RIBEIRO, D. **Arte índia**. In: ZANINI, W. (org.). História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 1.

RODRIGUES, C. A. **Levantamento dos sítios arqueológicos com arte rupestre da tradição amazônica no município de Manaus-AM. 2017**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Arqueologia) - Universidade do Estado do Amazonas- UEA, Manaus, 2017.

SONTAV, A. **Sketchbooks**. In: ONIMETAL ART, 08 de ago. 2014.

THIOLLENT, M. **Metodologia de pesquisa-ação**. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VIEIRA, C. A. **Desenvolver-se no Barro: a Contribuição das Aulas de**

Cerâmica às Crianças do Ensino Fundamental II. Dissertação de Mestrado. Universidade Nove de Julho – Uninove. São Paulo. 2014. Disponível em: <[https://docplayer.com.br/25307761-Desenvolverse-no-barro-a contribuicao-das-aulas-de-ceramica-as-criancas-do-ensino-fundamental-iicleide-aparecida vieira.html](https://docplayer.com.br/25307761-Desenvolverse-no-barro-a-contribuicao-das-aulas-de-ceramica-as-criancas-do-ensino-fundamental-iicleide-aparecida-vieira.html)> Acesso em: 10/10/2023.